

Em Évora, ciências do mar em Évora?!

“Quando estiver em frente ao Dr. Mário Soares, que lhe vai ensinar sobre o ouriço-do-mar?”, não estava à espera desta pergunta, talvez por isso ainda dela me lembre, tantos anos depois. O conhecido repórter da TSF esboçava um sorriso maroto, estar ali com o detentor¹ daquela voz grossa e radiofónica, com que entrevistava ou falava de meio mundo de modo tão cativante, era excitante, mas também inebriava na glória de, com ele, poder ir para o ar no dia seguinte.

Foi na véspera de uma nova presidência aberta, desta vez sobre o ambiente e a qualidade de vida, em que o então Presidente da República Portuguesa passou por Sines logo no primeiro dia², para um debate público sobre poluição marinha. Antes, o Dr. Mário Soares honrou-nos com uma visita, fazendo com que dezenas de pessoas tenham enchido por completo o corredor da sala de aulas do laboratório³.

Além de melhorar a sala, decidimos realizar, durante essa visita, uma aula com alunos do novo curso de Biologia da Universidade de Évora, que aderiram com entusiasmo. Escolhemos um tema: a anatomia do ouriço-do-mar. “Então, mas digam lá, que aula é esta?”, terá dito o PR, ao lado da Ministra do Ambiente e Recursos Naturais, Dr.^a Teresa Patrício Gouveia, e do Magnífico Reitor da Universidade de Évora, Prof. Jorge Araújo, de perto acompanhados pelas suas comitivas e por jornalistas. Lançou a pergunta aos alunos, cada um magnificamente sentado em frente a um tabuleiro com um ouriço-do-mar, contrastando com os visitantes que, ao lado, se amontoavam e esticavam os pescoços.

Respondi que, com esta aula, quisemos simbolizar as nossas atividades sobre as ciências do mar, não só de ensino, mas também de investigação e divulgação científica. “Escolhemos este animal porque, por um lado, é um recurso pesqueiro e queremos chamar a atenção para a necessidade de gestão e conservação dos nossos recursos pesqueiros, mas também porque sabemos que o Dr. Mário Soares viveu em França, país onde os ouriços-do-mar são também muito apreciados.” O PR contou, então, um episódio passado consigo, não em França, mas na Venezuela, onde teve a infelicidade de pisar um ouriço-do-mar.

Num intervalo das atividades deste dia, o Jorge foi com a Sr.^a Ministra até ao Cabo de Sines, onde as ondas atlânticas rebentam livremente, sem os impedimentos dos molhes do porto, e onde a sensibilizou para a necessidade de aí se construir um novo edifício para este laboratório. Todavia, uns meses depois, o mandato do seu Governo terminaria. Esta tentativa, bem como o convite ao PR para esta visita, são duas das muitas iniciativas que o Jorge teve antes, durante e depois dos seus mandatos de Reitor, para desenvolver este laboratório e dar-lhe melhores

¹ Fernando Alves.

² 4 de abril de 1994.

³ Laboratório de Ciências do Mar (CIEMAR), uma unidade interdepartamental de investigação, ensino e prestação de serviços da Universidade de Évora (Ordem de Serviço n.º 11/91), a funcionar em Sines desde 1990 e integrada na Escola de Ciências e Tecnologia a partir de 2015 (www.ciemar.uevora.pt).

condições, mediante a construção de novas instalações, próprias e adequadas, tendo entretanto promovido a elaboração de um projeto de arquitetura por colegas nossos⁴.

Antes, porém, foi necessário criá-lo e essa é outra história que merece ser contada nestas memórias da Universidade de Évora.

No final dos anos oitenta, no século passado, era uma vez um professor de biologia da Universidade de Évora, de seu nome Jorge Araújo, que achou que estava na altura de concretizar um dos seus muitos sonhos: levar a sua universidade, tradicionalmente ligada ao Alentejo mais do interior, de sequeiro, como por lá se costuma dizer, e com muitas atividades de ensino e investigação em agricultura e pecuária, levar a sua universidade, dizia, para o mar, para a costa alentejana, criando aí um laboratório onde se pudesse ensinar e investigar a biologia marinha, assim como outras ciências do mar, aumentando e divulgando o conhecimento científico sobre esta região costeira.

Apesar de não ser biólogo marinho, ou mesmo aquático, pois a sua especialidade científica era sobretudo na área dos insetos não aquáticos, o Jorge apanhara esse bichinho quando, uns anos antes, esteve a trabalhar durante alguns dias, maravilhado com o estudo da vida marinha, na Estação Biológica de Roscoff, um centro de pesquisa e ensino em biologia e ecologia marinha situado na costa norte da Bretanha, em França. Criada no século dezanove, esta estação é tutelada por uma universidade de Paris, entre outras instituições.

Ora, se uma universidade parisiense tinha uma estação de biologia marinha na costa da Bretanha, a mais de quinhentos quilómetros por estrada, não poderia também a Universidade de Évora ter uma, a pouco mais de cem quilómetros da costa alentejana? E para fazer o quê, e que importância teria para a Universidade de Évora e para o Alentejo?, perguntaram os seus colegas do Departamento de Biologia, quando propôs, como chefe deste departamento, que a Universidade de Évora contratasse um docente na área da zoologia marinha. Vários argumentos terá apresentado aos seus colegas: era importante diversificar o ensino em biologia, e incluir temas marinhos iria fazer com que o respetivo curso da Universidade de Évora fosse mais completo e atraísse mais estudantes; por outro lado, não havia algum laboratório marítimo entre Lisboa e Faro e a investigação em biologia marinha na costa alentejana iria seguramente ser valorizada e financiada, não só a fundamental, mas também a investigação aplicada à avaliação da qualidade de ambientes marinhos, tendo em conta a utilização industrial da costa alentejana, assim como os estudos sobre a pesca marinha e os recursos vivos explorados por esta atividade, ou os estudos sobre a conservação marinha, tendo em conta a existência, nesta costa, de várias áreas protegidas ou importantes para a conservação da natureza.

Conseguiu convencê-los e, a seguir, convenceu colegas de demais órgãos. Além da contratação desse docente, era preciso tratar de uma questão fundamental: onde fazer esse laboratório, como arranjar instalações, havendo para tal pouco financiamento? A resposta surgiu

⁴ Pedro Gameiro e Marta Sequeira, do Departamento de Arquitetura.

numa feliz conversa que teve durante um Congresso sobre o Alentejo com o Presidente da Câmara Municipal de Sines, que na altura era Francisco do Ó Pacheco e que, para esse fim, logo disponibilizou o edifício onde o Laboratório de Ciências do Mar está instalado desde 1990, na Avenida Vasco da Gama, em frente à praia de Sines.

Depois de uma também feliz entrevista, fui escolhido para ser esse docente a contratar pela Universidade de Évora, e comecei nesse mesmo ano de 1990 a ensinar e investigar em biologia marinha na costa alentejana, com a companhia da Teresa Cruz, que, entretanto, obtivera uma bolsa de doutoramento para estudar a biologia de uma das espécies com mais importância económica na costa portuguesa, o percebe. E com quem, como orientador, a Teresa se candidatou a esta bolsa?, com o Jorge, evidentemente!

Nessa altura, muito pouco se sabia sobre a biologia desta espécie de percebe, pelo que a proposta deste estudo era bastante original e foi bem acolhida. A escolha do percebe como objeto deste estudo nasceu do interesse em investigar um recurso vivo que tivesse importância económica, de modo a que o projeto fosse mais facilmente valorizado e apoiado financeiramente, mas também houve interesse no estudo científico da costa rochosa oceânica, importante para a pesca e muito abundante no Alentejo e na restante região sudoeste de Portugal continental, mas menos estudada que os estuários e as lagoas costeiras.

Estes estudos sobre a costa rochosa alentejana e o percebe tornaram-se um dos focos principais da investigação realizada neste laboratório, sobretudo coordenados pela Teresa. Com eles, foram obtidos financiamentos nacionais e internacionais para o desenvolvimento de projetos de investigação científica, integrando investigadores portugueses e estrangeiros, e envolvendo pescadores, gestores, autarcas e ambientalistas, foram publicados diversos artigos ou capítulos de livros, organizadas conferências, uma das quais internacional e sobre o percebe, única em todo o mundo, e foram elaboradas teses de licenciatura, mestrado e doutoramento. Investigou-se, mas também se inovou, com o registo de uma patente internacional no pioneiro estudo da viabilidade da aquacultura do percebe e com a pioneiríssima implementação, em Portugal, da cogestão da pesca do percebe.

Durante estas duas dúzias de anos, foram realizados neste laboratório muitos outros estudos científicos, nos últimos anos envolvendo uma dúzia ou mais de investigadores, como os dirigidos à pesca e ao seu impacto no litoral rochoso alentejano, à avaliação da qualidade de ambientes marinhos do Porto de Sines, com o financiamento da respetiva administração, à ecologia de peixes, invertebrados, algas e aves de litorais rochosos, à biologia e distribuição de mamíferos e répteis marinhos, em resposta ao seu arrojamento, e aos efeitos da criação de áreas marinhas protegidas, tendo também sido estudadas a biologia e a ecologia dos estuários dos rios Mira e do Sado, e das lagoas de Santo André e de Melides, e tendo sido alguns destes estudos desenvolvidos noutros locais da costa portuguesa (por exemplo, nas Berlengas e entre Cascais e a Ericeira) e no estrangeiro (por exemplo, em Cabo Verde e em Moçambique).

Tal como o Jorge sonhara, também toda esta investigação em biologia marinha tem sido o suporte de inúmeras atividades de ensino, seja de licenciatura, mestrado ou doutoramento, envolvendo estudantes da nossa universidade ou de outras instituições, nacionais ou estrangeiras. Aproveitando a proximidade da costa alentejana, são no CIEMAR realizadas aulas práticas em que se observam e estudam organismos marinhos colhidos ou acabados de colher nas suas águas ou nos seus fundos marinhos, muitos deles mesmo ali, a poucos metros das bancadas onde os esperam lupas e microscópios. Melhor, no entanto, é sair de manhã cedo com os estudantes e ir à maré, como nesta costa se diz, ir à descoberta das micro e macromaravilhas marinhas que ficam fora de água na maré baixa e fazem do litoral entremarés um laboratório vivo. Outra experiência a não perder é levar os estudantes a falar com os pescadores e a conhecer a sua opinião sobre o que fazer e não fazer na gestão da pesca e na conservação marinha, ou levá-los a observar as atividades de um porto de pesca, bem como os peixes e mariscos capturados e acabados de vender na lota. O mesmo se faz todos os anos em diversas atividades de divulgação, não com estudantes da universidade, mas com os mais novos, da pré-escola ao secundário e de escolas de todo o Alentejo, ou com o público em geral, de feiras e festivais.

Tudo isto é possível e mais fácil, simplesmente porque o CIEMAR está mesmo ali, à beira-mar, tudo isto foi possível com o imprescindível apoio das sucessivas Reitorias e Administrações, assim como de dois centros de investigação⁵, e porque uma maravilhosa equipa de investigadores nos tem acompanhado, apesar dos altos e baixos do trabalho precário, e tudo isto assim começou, num belo dia e algures no interior do Alentejo, quando um professor de biologia, maravilhado com a vida marinha, achou que estava na altura de concretizar um dos seus muitos sonhos.

O fim, até agora, é feliz, mas a história ainda não acabou, aliás, está a começar há muitos anos com as inúmeras iniciativas do Jorge destinadas a obter instalações próprias e adequadas, que foram seguidas pelas posteriores Reitorias e têm novo e promissor fôlego com a atual Reitoria.

Na véspera da inauguração do novo edifício, a construir no Cabo de Sines, onde as ondas atlânticas rebentam livremente, espero ter o prazer de pedir ao Jorge que responda ao Fernando Alves ou a outro repórter, que há de perguntar “Quando estiver em frente ao Presidente da República, que lhe vai dizer?”

João Castro
Sines, 2022

⁵ O Centro de Oceanografia, de 2007 a 2014, e o MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, a partir de 2015.